

REDE FLUVIAL

LUCIA FONSECA

Prêmio Emílio Moura

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

POESIA MESMO

IVAN CAVALCANTI PROENÇA

PAÍS DIFÍCIL O BRASIL. Onde, entre tantos e tantos, também artistas, escritores, criadores de um modo geral, continuam sem vez. Poetas, muito principalmente.

Conheço autores sem maior chance, cujo trabalho ficcional ou poético está ao nível dos grandes clássicos de nossa história literária. E tais escritores ou desistem ou vão publicando, “como podem”, aqui e ali, sua obra.

Lucia Fonseca, apesar de premiada, e reconhecida por uma minoria que acompanha o movimento editorial *brasileiro*, consegue, só agora, publicar seu segundo livro (sempre versos), ainda na Editora José Olympio.

Leiam seu trabalho. Que aproxima e concilia aquele inefável da Poesia, arte poética, com o coloquial, o cotidiano nosso. Recurso que resulta de sua, muito nítida, consciência artesanal.

Assim, seu *A poeta terá emprego*, “feijão e sonho” eterno. A essa altura, até, espécie de *topos* em nossa trajetória literária, do barroco ao hoje:

A poeta terá emprego,
dinheiro certo no fim do mês.
Seremos úteis à sociedade,
deixaremos de explorar marido.

Estamos traindo aquelas horas longas,
aquelas horas largas
de acompanhar trajetos de formigas,
os caminhos nas folhas e nas mãos;
o bater do sangue nas artérias,
o fluir da vida por dentro da alma
e à volta do corpo.

– Seja adulta, tem um buraco
no nosso orçamento.
Seremos adultos. O emprego, aceito.
Estamos traindo as árvores,
a queda macia da folha
no meio do bosque.
Esse trajeto de céu com pedaço de lua
dentro de nós.

REDE FLUVIAL

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

apresenta de

LUCIA FONSECA

REDE
FLUVIAL

PRÊMIO EMÍLIO MOURA 1980

RIO DE JANEIRO / 1983

Copyright © 1983 by Lucia Fonseca

Todos os direitos reservados à
LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA S.A.
Rio de Janeiro – República Federativa do Brasil
Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Capa
ANNA LETYCIA

CIP-Brasil . Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

F744r Fonseca, Lucia
1983. Rede Fluvial / Lucia Fonseca. – Rio de Janeiro : J. Olympio,
1983. Prêmio “Emilio Moura”, da Coordenadoria de Cultura do Estado
de Minas Gerais, 1980.
Dados biográficos da autora

1. Poesia brasileira I. Título

83-0598

CDD – 869.91
CDU – 869.0(81)-1

Para

Gabriel,
Gabriel Rafael,
Marcelo e
Rodrigo

Sempre

*INDICAÇÕES
BIOBIBLIOGRÁFICAS
SOBRE A AUTORA*

LUCIA GARCIA DA FONSECA é carioca. Casou-se aos dezoito anos e tem três filhos. Foi então que iniciou os estudos específicos de História Natural, tendo trabalhado sete anos em pesquisas na área.

Considera influências literárias e de vida, que a marcaram em menina: o pai, o avô materno e a leitura de Monteiro Lobato; já adulta, a experiência psicanalítica e a leitura de Fromm, desembocando em contatos com filosofia, literatura e, mais especialmente, poesia.

Depois das incursões infantis na literatura (diários, cadernos de pensamentos) voltou a escrever, relativamente tarde. Nessa época, os estímulos de Helena Jobim e Carlos Drummond de Andrade, entre outros, foram muito importantes.

Publicou o primeiro livro Invenções do Silêncio, em 1980, pela livraria José Olympio Editora.

Ainda em 1980 recebeu o Prêmio Emílio Moura, da Coordenadoria de Cultura do Estado de Minas Gerais, pelo livro Rede Fluvial.

Em 1981 foi selecionada pela Editora Fontana para participar de antologia a ser publicada, em consequência dos resultados do 1.º Concurso Fontana de Poesia.

Trabalha há três anos da Financiadora de Estudos e Projetos – FINEP – como analista de projetos na área de ciências biológicas.

A comissão julgadora do concurso de poesias (nacional) Prêmio Emílio Moura, constituída por Dom Marcos Barbosa, Reynaldo Valinho Alvarez e Paulo Mendes Campos, assim se pronunciou quanto ao livro de Lucia G. da Fonseca:

“Às 15 horas do dia 27 de outubro de 1980, no 9º andar do Palácio da Cultura, no Rio de Janeiro, reuniu-se a Comissão Julgadora do IV Prêmio Emílio Moura, promovido pela Coordenadoria de Cultura do Estado de Minas Gerais, para escolher o vencedor do concurso entre os trabalhos concorrentes. A comissão escolheu, por unanimidade, o original intitulado *Rede Fluvial*, de autor que se esconde sob o pseudônimo de Ana Montenegro e que recebeu o nº 89 no protocolo de inscrição. A decisão se baseou não apenas na qualidade estilística do trabalho apresentado, mas também na unidade temática e no tom entre coloquial e lírico que perpassa as cinco partes em que se divide o livro. A Comissão Julgadora ressalta que outras obras finalistas apresentaram um alto nível de qualidade literária, reveladora do amplo interesse atingido pelo concurso desde sua criação.”

Os poemas das páginas 28 e 38, por já terem sido divulgados, não foram enviados ao concurso. Faziam parte, porém, de uma coletânea inicial da autora. Também os poemas “Rede Fluvial”, “Conto muito antigo” e aqueles sob o título geral “Cotidiano”, por terem sido escritos posteriormente ao envio dos originais, obviamente não participaram do concurso. Pareceu-nos justa sua inclusão em *Rede Fluvial*. Excluídos esses 10 poemas, todos os demais acham-se na mesma sequência do original premiado, que não sofreu quaisquer modificações [Nota da Editora].

REDE FLUVIAL

ELEGIA

POEMAS DO ESTRANHAMENTO

PERFIS

COTIDIANO

CANTIGAS DO AMOR AVARO

REDE FLUVIAL

Azuis são os caminhos sob a pele

ELEGIA

*Perdoa a longa conversa.
Palavras tão poucas, antes!*

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

I

Toda palavra ficou parada,
tremendo à beira do poço.
E ali mirava meu rosto perdido.
As raízes iam brotando
tramando um tempo novo e atônito.
O gesto ficou suspenso
nessa xícara de café que tremeu na mão;
e não me aproximei dos teus olhos fechados,
não toquei tuas mãos maciças
nem teu rosto modelado nessas grandes e lívidas horas de
[luas aflitas,
orvalho e espera. A noite sangrava.
A madrugada apontou inútil e lavada
sobre as lajes brancas e os botequins se abrindo.
Não depositei na tua testa aquele beijo de filha,
perdoa.
A morte te fazia grande como um templo
ou um navio.
E fazia de mim a menina
hesitante à porta de uma sala cheia de visitas,
no umbral de um quarto cheirando a lamparina e éter.
Passava por ti a um tempo opressa e enviesada,
proibida de cruzar fronteiras.
Desce do teu pedestal,
desfaz essa face construída tão depressa, numa única noite,
me fala de novo dos bichos e das estrelas.

E como tens falado comigo!
Que mal cessou o raspar da pá
e já dentro de mim ouvia o rolar surdo do terremoto.
Pressenti esses movimentos tectônicos, esses abalos sísmicos,
e com que facilidade me empurraste a crosta
e impuseste a forma de tuas cordilheiras, vales,
maciços vulcânicos, continentes, ilhas,
mundo-globo, mapa das terras e das águas.
Arrancado do fundo do lago, afloras assim imenso,
leviatã abissal e pré-histórico,
coberto de algas e de tantas coisas emprestadas.
E num largo espreguiçamento suspirado,
sacodes de ti todo o supérfluo
todo o momentâneo e contingente
e me preenches tanto com a tua presença!
Era preciso então ver-te assim preso e limitado
para que te desprendesses das exíguas medidas cotidianas,
dos pequenos constrangimentos de filha?
Era preciso que os Anjos dissessem “Nunca”
para responderes com força: “Sempre”?
E esse teu amor por mim, o meu por ti,
eu não sabia que, em tudo, éramos assim tão secretos,
diamante no fundo da mina
brilhando, brilhando,
agora e sempre aflorado,
última joia que me deste.

II

E hoje estou aqui a teu lado
como antes não pude estar.
Fiquei sempre um pouco atrás.
Deixei para a mãe o lugar da frente,
a cadeira mais cômoda, a dor maior.
Mas não era minha obrigação de filha
deixar-lhe também o amor maior
a melhor parte de quase tudo?
Menina, coube-me o segundo papel, ator coadjuvante,
figura secundária, meio-tom.
E calada, cuidei para não amar-te mais que o devido.
Mesmo no dia do teu enterro,
não devia eu em primeiro lugar tentar consolá-la
antes que chorar por mim?
E buscar-lhe café, dar-lhe a mão,
anular-me em tudo que não fosse servi-la?
Necessária,
ao mesmo tempo que furtiva e silenciosa,
presente, contanto que imperceptível?
Não sabia o tempo todo
que talvez fosse importante por mim mesma,
única filha que fui.
E se desperdicei tesouros,
sua perda se mescla com o ganho
de descobri-los em mim inexplorados em gesto,
intactos,
brilhando em surdina,
envelope fechado com o meu nome,
virtualidade, segredo.

III

Teu rosto cresce na noite.

Lembro.

Menina, tinha medo dos teus roncoss,
tanto tinhas os braços e o peito peludos
e o olhar intenso.

E por um nada, perdias a paciência com o alfaiate,
com os motoristas de táxi,
aquela paciência que esbanjavas conosco.

Esbravejavas, bufavas,
eu tinha medo e raiva,
inveja por não gritar também.

E vergonha porque usavas barba.

Teu rosto cresce na noite.

O peito,

foi preciso raspá-lo para prender os eletrodos.

A máquina registrava tudo:

temperatura, pressão, as batidas do coração.

Não sei se registrou teu medo.

É verdade que se morre assim tão rápido,

pacientemente preso a tubos e agulhas,

cercado de todos os recursos da medicina?

E depois de tanta correria, parada cardíaca, vaivém de

[médicos,

o susto na boca do estômago e no tremor das mãos,

o tempo se encomprida de repente,

esse tempo neutro e amorfo, sem nenhuma pressa ou direção.

E as pessoas vão indo embora, vão indo embora,

entre murmúrios, abraços, tapinhas nos ombros.
Resta a palidez de uns poucos no pátio
esperando a roupa,
esperando o atestado,
esperando o carro.

Perverteste a ordem do tempo.
De um golpe, decepaste do nosso idioma, presente e futuro.
Confusa, lenta, tenazmente, tua ausência nos ensina a
[conjuguar o passado.

Nosso cérebro resiste.
Inauguraste uma nova era.
E sem percebermos, já passaram quase duas horas,
então já passamos duas horas nesse país estrangeiro e
[atônito

onde obscuramente não és?
Onde, perplexos, vamos aprendendo uma existência sem ti?
E furtivas, depositam-se já umas inarticuladas lembranças,
fio de óleo escorrendo, escorrendo...
Ficarás sempre na camada de baixo,
moeda no fundo do poço mais e mais remota.

Teu rosto cresce na noite.
Lembro: Menina, tinha medo dos teus roncoss.
A guerra serenou e depuseste as armas.
Não roncas mais,
não ficas mais impaciente,
tens todo o tempo pela frente.
E se por ora, és ainda esse corpo enorme de pesado no
[caixão,
que evitamos olhar,
logo à tarde serás apenas a cruz preta,
esse aviso neutro nos jornais.

IV

E houve uma longa gestação,
essas horas de preparo,
até nos aproximarmos do evento.

Escrevi teu nome no meu livro,
na primeira página, escrevi teu nome.
Escrevi-o em muitas outras sob inumeráveis disfarces,
repetidamente escrevi teu nome.

Mas isso não te trouxe de volta.

Aguardei as palavras de aprovação.
Aguardei a palavra do crítico e do poeta,
colhi a frase e o sorriso em cada lábio,
ávida de senhas.
E quando elas vieram,
era um instante de alegria e exultação – colheita de vento –
antes de reentrar no amargo.
Pois isso não te trouxe de volta.

E no dia da minha festa,
quem saberia do secreto pacto,
quando me vesti de branco,
do branco dos batizados,
das comunhões e dos casamentos,
e assinei livro por livro com a tua caneta?

Mas mesmo isso não te trouxe de volta.

Não vieste nos traços dos teus irmãos,
nem no rosto dos estranhos.

Não vieste nos amigos que me festejaram.

E só quando todos foram embora,
e baixaram as portas de ferro da livraria,
e eu ainda permaneci uns instantes aguardando algum
[retardatário,
ah, estavas mais nessa espera baça por quem não veio.

Desce da tua ausência,
visita-me ao menos nos meus sonhos
para que,
apagado o brilho dos candelabros,
nesse momento escuro,
eu possa saber se estás contente,
e achar um caminho entre as pedras.

POEMAS
DO ESTRANHAMENTO

*Poeta, está na hora em que os galos móveis dos para-raios
Bicam a rosa dos ventos.*

MARIO QUINTANA

Desta hora tenho medo.
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

I

E existe essa brecha para o espanto,
hora dos portões de ferro
e das muitas grades rendilhadas.
Dos galos girando em torno das agulhas
nos cataventos descabelados.
Quando se rarefaz a luz
que mantinha as coisas em seus lugares do dia,
as pupilas se dilatam
e tudo se desampara.
As paredes oscilam e se confrontam,
mais perto, mais longe,
e só na dádiva do primeiro lampião,
ainda uma vez se afastam, se aproximam,
retomam sua posição
e se calam.
Quando principia a clarear
e os postes acesos começam a naufragar na luz da madrugada.
Essa hora terrível,
quando coisas esquecidas martelam um galope oculto além
[do ouvido
e fermentam no sangue.
Quando a mão direita não conhece a mão esquerda
e as sombras conversam.

II/HERANÇA

O paredão do mar se ergue,
de cimento antigo.
O paredão do mar se ergue
com seus tijolos de adobe e maresia.
À nossa volta ruga a espuma e o tempo cai
em cinza lenta.
De cima vem a onda e gira a salsugem remota.

Sobre a pedra, a madeira desgastada,
o tijolo roído,
a onda suspensa.
À nossa frente, o paredão do mar,
seus pórticos e colunas, os maciços de pedra,
os navios e templos soçobrados.
A maré baixa trouxe as construções de pedra antiga
incrustadas de mariscos
e os túmulos dos antepassados.
E nós nesse arredor não somos mais que fantasmas,
coisa sonhada por outros para sermos hoje.
Sombras no sonho de outros,
nossa própria realidade de pedra,
construída pela mão de artesãos antigos.
E o paredão escuro, conglomerado de cinza, papéis, tijolo
[úmido,
telha molhada de sal; e o tempo
zunindo suas altas ondas paradas
iluminadas pela luz estática do crepúsculo-madrugada,
estranhamento,
hora,

As paredes de pedra do crepúsculo,
o mar vertical.
Resíduos de sonho – petrificados,
a infância resgatada em fundos de quintal,
jardins de água,
flores de vazio e espuma.
A construção de cimento,
o esqueleto da água com seus rombos,
a construção com seus vergalhões e pilastras à mostra,
à mostra os andaimes vazados.
O silêncio cristalizado em pedra,
o giro suspenso e gritado dos pássaros,
a onda estilhaçada
– pórtico para noite e abismo,
ruidoso pórtico para o silêncio.

III/ANTECÂMARA

Na neblina do entre-sono, no entre-sonho da antemanhã,
nesse estar ao lado de mim mesma
sobreposto ao adormecido,
semivelando por entre camadas de sono e brilho,
(e se vê a luz coada pelas frestas, e há vozes e sombras
[adivinhadas,
o hoje como um meio sono à espera do amanhã)...

No entre-sono, no entre-sonho
da antemanhã,
no escuro aguardo
sem saber que já estou sendo.

IV

Há tantos desses dias brancos,
quando as nuvens são mais caladas
e sob a cinza das respostas
jazem perguntas enterradas.

Há tantos olhares de gesso
do fundo de órbitas paradas,
muros de cal que vão bebendo
o lento murmúrio das águas.

Do fundo dessas horas cegas,
o mais que se respira é bruma.
Já não reconheço as presenças
mais leves que um gesto no espelho
que pressentia em mim – mais tênues
que a sombra de uma transparência.

V

Não é a areia incapturável na ampulheta,
esses instantes escorridos entre os dedos
que me assustam.

Não são coisas perdidas, flores murchas
nem a decidida modelada solidão.

O que temo é esse país desconhecido,
essa hora morta de parada flor de cinza.

Esse deserto é que me assusta, esse cascalho
que se estende entre a viagem e o viajante,
muro erguido entre os jardins e o humano chão,
por onde nem sempre o sonho acha passagem
– esse silêncio entre o silêncio e a canção.

VI/PRESENÇA

Já a poesia não se dá, como flor.
Escrever se faz difícil
passagem em caverna estreita.
Lentas ausências se somaram,
fizeram o ar rarefeito,

E a aranha é uma estrela de pismo
na tela vazia dessas ausências.

Já não há mais simpatia
nem de mim para mim mesma.
E o ritmo dos meus ouvidos
é já de um tempo escoado,
é já de um sangue esvaído,
sujo e seco – coagulado.

A aranha é pedrada no vidro,
a aranha é um espasmo, é um grito,
a aranha é rastilho de náusea
no teto da casa invadida,
correndo pela existência.

A aranha é sol negro de tédio
no espelho quebrado da consciência,
é a estrela mofada do medo
no muro caiado do meu silêncio.

VII/TEMPO MORTO

E houve a primavera,
não como um agora em flor,
mas simples promessa de frutos.
E não foi o outono um escorrer de sumo,
mas notícia de um florescer remoto.
Haverá um tempo que perdure no agora,
que seja hoje, farto e transbordado hoje,
ou apenas essa intersecção do ontem com o amanhã,
virtualidade, abstração,
flor que, dissecada em partes,
reduzida,
se perde em nada?

Assim como esses peixes:
despojados de tudo,
esvaziados das vísceras,
empobrecidos de mar,
desentranhados do oco da sombra
e desencantados de orvalho,
as nadadeiras podadas
e que estendidos de lado sobre o mármore da pia,
três lanhos de faca no flanco,
do lado de cá do verde,
deixam-se embalar na canção do vazio.

VIII

Mergulhava os dedos em estrelas mortas,
quando uma voz longe falou intensa
dizendo de estrelas vivas.
Mas ninguém se mexeu
e o sol que passava no céu era o mesmo da véspera
e a chuva caiu muitos meses sobre a lama
modelando a terra fria e igual,
e os homens se quedaram aturdidos.
Mas guardava essa lembrança deslumbrada
que não sabia decifrar
desde que o vento fechara seus olhos e sua boca
e os dedos buscavam tristes
mergulhados em estrelas mortas.

IX

Um fio me divide o rosto.
Vindo de que alturas?
E que trapézios e redes pairam sobre a cabeça?
Pequenos fatos desdobram-se embaixo.
Inclino-me sobre eles
e com humana paciência
arrumo as casas de boneca,
as minúsculas mesas e cadeiras
sobre o parapeito da janela.
Tudo é jogo. Disponho-me a brincar também,
pedra por pedra, um muro, o jogo das cinco pedras
e as cartas do baralho vão dizendo a vida.

Mas os fios, as redes, os laços,
a que configurações estranhas devo obedecer?
Olho para o alto: anjos, trapézios de vidro,
parapeitos súbitos
pairam acima de mim, muito acima, muito alto.
E o fio que desce me divide o rosto e o coração.

X/NOTURNO

Por entre agulhas de sono,
caminhei meu caminhar.
Não tinha casa nem dono
e não sabia cantar.

Por entre agulhas de sono,
alonguei o meu olhar.
Ai, paisagem de abandono!
Sequer sabia chorar.

Por entre agulhas de sono,
flores brancas de luar.
E no chão, lanças de sombra
longas como o meu olhar.

Resvalavam entre os dedos
invisíveis coisas mortas
– ocasos na madrugada –
quando as agulhas se abriram
em mil rosas encarnadas.

Calada brecha no tempo,
ofereceram-se abertas,
mas o vento do meu sono
tocou as flores do instante
e recompôs o deserto.

Agora respiro o sonho
daquela noite apagada.
Por entre agulhas de sono
transito hoje (acordada?).

E vou perguntando a espectros,
por órbitas descabidas,
se das agulhas de pedra
brotam as rosas da vida.

XI/ITINERÁRIO

Navego pelo canal
de uma passada Veneza.
Busco um lugar, uma senha,
um número inexistente
numa viela esquecida
que entretanto reconheço.
Navego por minhas veias
entre venenos e leite.

Túnel, Veneza, canal.
Sobre lagos estagnados,
entre coágulos e lodo,
luas internas, fechadas,
retinindo seu cristal.
À esquerda, um bairro ocupado;
fugindo pelo outro lado,
dou com os demônios dormentes
dos ódios que não senti.
Numa rua estreita e escura,
anjos e dragões alados
que me cegam a passagem
com suas asas de luz.

Veneza, vala, canal.
Filas na porta de um prédio;
nos corredores, sentados,

demônios negros de tédio
e sombras desalentadas
chorando as insônias brancas
pelas camas de hospital,
e todos os viciados
repetindo acorrentados
os ritos do mesmo mal.
Ao final da via impura,
as câmaras de tortura
desse pedaço de inferno
que cada homem carrega
nas entranhas sem saber.
Um jorro reflui do ralo
e vai enchendo o banheiro
e vão boiando os cabelos,
a represa arrebentada,
o soluço arrebentando,
a mão fechando a garganta,
a raiva, o ranger de dentes,
todo grito sufocado,
os luares mastigados,
desse quadrado de inferno
que um dia o homem conhece
nas entranhas do seu ser.

Veneza, túnel, vitral,
navego desinformada
pelas veredas do mal.

XII

E quando retirei o braço do mar,
trouxe enroscado o polvo,
velho monstro ramoso,
tesouro secreto, relíquia obscura,
arroxeadado como a noite.

Desde então, sempre que ando pelos meus dias,
há os que me seguem e perguntam:
– Onde achaste o polvo?
– Por que o escolheste, por que o carregas sempre?
E me olham com perplexa irmandade,
com estranheza e medo.
Desviam os olhos e fogem de suas feridas.

XIII/CULPA

Bebíamos em grandes poças de águas sangrentas,
bebíamos em grandes sorvos no lodaçal.
A maré subiu e desceu
e as baleias mortas jaziam entre algas e lama
sob o sol cru e azedo.
Bebemos o choro do filhote e a agonia da mãe,
sorvemos as vísceras esmagadas no charco febreiro.
E era assim que crescíamos,
a carne tumefacta,
entre cheiros escuros e marés violentas.
Bebemos um leite para sempre envenenado,
fermentado por nossas mãos corrompidas.
E nem a madrugada nevosa de um cordeiro recém-nascido
poderia nos redimir.

XIV

Caminhamos lado a lado na calçada.
Então vimos que era noite.
Há muito escurecera sem que percebêssemos.
Os pássaros voavam em círculo
sem nenhuma pousada.
Caminhávamos sob asas negras.
Seguíamos ao cais, ao encontro do navio
mas nosso navio – ai de nós –
há muito que partira.
E não soubemos o momento.

Levávamos com cuidado um vaso todo partido.
Levávamos ao médico nossa criança morta.

XV

Na oficina, as batidas estridentes
sufocam todo bater de corações.
Na oficina, as serras rincham
mas o sangue ainda é fluir dentro do homem.
E umas líricas flores metálicas
vão surgindo das mãos.
E nas florestas de lata,
e do concreto corrompido
ainda surgem aqui e ali
– mesmo vindo das enguias –
um murmúrio,
um hálito morno,
um agasalho, um consolo.

PERFIS

I/INTERLÚDIO

Pela penumbra
de um sonho breve,
o morto chegou sem sangue
e foi um leve
desenho em sépia
mulher e filha
beijá-lo ternas
e dar-lhes as mãos.
No lapso curto
da noite quieta,
o morto chegou calado
e as coisas de tão estranhas
em tudo eram transição.
As folhas mal se mexiam,
formas de flores escuras
deitavam sombras
em suas mãos.
Recostado entre as colunas,
em silêncio ele aguardava
o nosso passo
pelas escadas,
o nosso encontro
na mesma estrada,
nossa passagem
pelo portão.

II/O MENINO

Para Rodrigo

O menino fala sozinho.
Nada poderá alcançá-lo
nessa aura de lua e estrela
onde repousa contente.
Os olhos olham outras coisas,
as mãos dão laços invisíveis.
Acordou tão cedo
mas no seu brinquedo
parece que dorme.
E fala com os pássaros e as lagartixas
e carrega uma gravidade esquecida.
Seu sorriso é um anel simples e claro.
Afastemo-nos.
Qualquer gesto,
qualquer palavra,
seriam excessivos
nesse exemplar afogamento.

III/O POETA

Ia repartindo as palavras com o bisturi,
fiscava uma com o garfo de ouro,
mordeu-a entre língua e dentes.
Passavam as ideias,
o sono com sua cabeleira de alga,
a tarde caía, doce,
o peixe nadava solto na onda.
Repartia novas palavras,
pesava uma, comparava com outras.
As estações passavam sobre sua fronte curva,
muito altas passavam, em dourado e névoa,
poente, chuvas, ventos e nevadas.
E ele continuava o meticuloso exercício.

IV/O ANALISTA

Para Wilson Simplicio

A precisão no impreciso,
o pensamento pequeno.
E a brancura de todos os gestos.

O coração auscultando,
o coração auscultado
– afinador e diapasão –
ouvido inclinado
sobre a obliquidade dos bemóis.

A precisão no impreciso,
velocidade discreta.
O tempo nas veias
e nas pregas do silêncio.
O mar construído:
casa minha – caminho de barca.

V

Toda vez que me dizes e te escuto
REYNALDO VALINHO ALVAREZ

Toda vez que me dizes e te escuto
que vermes te comeram as entranhas,
que em teu ventre as formigas e as aranhas
prosseguem seu trabalho ininterrupto,
não sei se te deploro, deslumbrada
ante ferrões, mandíbulas e antenas.
As coisas que lamentas, as carcaças
onde fervem os vermes e as gangrenas,
são testemunhos dessa mesma vida
que é tão luxuriante e cega e intensa
que a cada morte mais se multiplica.
E assim, se percebemos, somos ricos:
seus pequenos mistérios – tão imensos,
nossas grandes tristezas – tão pequenas!

VI

Eu cantarei de amor tão docemente,
Por uns termos em si tão concertados,

LUÍS DE CAMÕES

Eu cantarei a dor tão docemente,
por uns termos em si tão concertados,
que mesmo sendo o canto amargurado,
o meu cantar seja bem-vindo à gente.
Conquanto a minha dor não afugente,
insistirei no canto, pressurosa,
e não terá menos encanto a rosa
nascida de tal solo e tal semente.
Talvez alcance a glosa mais encanto
regada pelas águas do meu pranto,
o mesmo pranto que em meus olhos vistes.
E quando forem pó, dor e amargura,
restarão inda uns ecos de ternura
nesse sorriso dos meus versos tristes.

VII

O poeta é um fingidor.
FERNANDO PESSOA

Nesse jogo que vivemos,
brincando de não sentir
o que no fundo sentimos,
brincando de confundir,
fingindo que não fingimos,
dissimular é uma arte.
De muito cedo aprendemos
a modelar nossa máscara
e usá-la com tanto gosto,
tanta leveza e à vontade,
que logo se ajusta ao rosto
confundindo a nós e aos outros.
Como artista no disfarce,
no disfarce do sentir,
no disfarce do disfarce,
com mão sutil eu me excedo
no que é meu ofício e arte:
a cada gesto e momento,
eu mesma crio o desenho,
eu mesma apago meus traços.

VIII/CONTRAPONTO

Queria dizer como Adélia: “Minha mãe cozinhava exata-
[mente:
arroz, feijão roxinho, molho de batatinhas.”

Mas minha mãe era funcionária pública,
dizia que lavar roupa estraga as mãos,
e transmitiu-me esse horror à cozinha
que os ovários queriam amar.
Ai de mim, algumas mulheres têm bacia estreita.

COTIDIANO

I

Os meus fantasmas ninguém viu,
ninguém viu minha cidade
quando ela brilhou de noite
no promontório.

Os meus fantasmas ninguém viu,
ninguém viu erguer-se a onda
e tragar minha cidade
de noite, no promontório.

E acordamos com esse rosto devastado,
estreitamos ao peito tantos afogamentos.
E se perdemos Atlântidas,
se as Pompeias jazem soterradas,
meus afogados ninguém viu,
ninguém viu minha cidade,
os afrescos com dançarinas,
guirlandas, frutos, andorinhas.
E muitos anos de lenda terão passado
antes que se saiba da onda amarga.

Ao meio-dia a vida é sol e feira na praça
E já meu coração se fechou em calado açude.

II

A poeta terá emprego,
dinheiro certo no fim do mês.
Seremos úteis à sociedade,
deixaremos de explorar marido.

Estamos traindo aquelas horas longas,
aquelas horas largas
de acompanhar trajetos de formigas,
os caminhos nas folhas e nas mãos;
o bater do sangue nas artérias,
o fluir da vida por dentro da alma
e à volta do corpo.

– Seja adulta, tem um buraco
no nosso orçamento.
Seremos adultos. O emprego, aceito.
Estamos traindo as árvores,
a queda macia da folha
no meio do bosque.
Esse trajeto de céu com pedaço de lua
dentro de nós.

III

A tarde era esse túnel onde as sombras se inclinam,
cheio de horas longas e grávidas
pesadas de azul.

Mas ontem só havia peixes mortos
e esse gosto de sangue e fel
pelos crepúsculos.

A tarde era esse túnel sob as árvores
onde as folhas caem sussurradas.

Mas ontem só havia pilhas de papel
e o cheiro de mofo e cigarros
dentro das veias.

A tarde ampulheta de sangue,
a vida em poeira.

E podia ser feita de outras horas,
das tigelas de louça desbeijadas,
os rios pausados na madeira,
o alumínio amassado tão doméstico
dizendo o cotidiano
em óleo, açúcar e manteiga.

VI/GALERIA DOS EMPREGADOS DO COMÉRCIO

Toda essa gente na galeria
são operários, comerciantes,
serão poetas, são bailarins?
Toda essa gente no longo túnel
passando lenta sob luzes frias,
leito de passos determinados,
pés de borracha pelas calçadas...
(Pelas vitrinas, sapatos, lenços,
correntes de ouro, medalhas, guizos.)
Toda essa gente na galeria,
passando muda em câmara lenta,
são mortos-vivos, são encantados?
Tudo é cinzento por trás dos brilhos,
por trás das vozes, além dos risos...
E vejo as sombras além das sombras,
peixes, cardumes, dentro do verde
precipitado embaixo da ponte.

V/CENTRO DE MICROSCOPIA ELETRÔNICA

Vimos o deus cilíndrico no meio da sala.
Ereto, no meio da sala,
o grande totem metálico.
Entramos em silêncio na caverna,
os sacerdotes cumpriam os ritos.
Falava-se baixo em torno da divindade.

E víamos a trípole, a pítia,
os vapores alucinantes...
E aguardávamos que se anunciasse.
Mas era uma vigia de vidro,
Um pequeno *écran* circular,

Quando o mágico rasga o véu: de um ponto
desdobra esse mapa com seus dizeres:
ramalhetes de mitocôndrias,
cachos de vesículas,
as muralhas sinuosas das membranas,
a célula – esse filme verde, em câmara lenta.
Do fundo da matéria,
o deus desentranha a verdade silente
– esse fluir constante de repuxos.

VI/ECOLÓGICO

E os rios verteram sangue.
Todos os peixes morreram
e uma nuvem de mosquitos se ergueu das águas.
As mulheres se ajoelharam diante dos oratórios,
São Jorge alumando em vermelho.
Os homens olharam para o alto
esperando que a pata do primeiro cavalo
rasgasse os ares.
Mas não era ainda o fim dos dias.

No matadouro de Coronel Melquíades,
Agenor olha a fila de bois.

CANTIGAS
DO AMOR AVARO

I

Não sinto o que sinto.
As mãos pensam coisas
e em vez de fazê-las se quedam.
Não sinto o que sinto.
As mãos escorrem modorras e sonham agrestes luares.
Parece que veem no escuro
sem olhos nos dedos.
O corpo pensa penumbras de sangue e de alma
na noite das pálpebras cerradas.
Existem aros luminosos no embrião dos gestos
imaginados.
Sonham-se os braços,
as mãos incompletam-se,
afagam anseios, lembranças,
queriam falar
sem olhos, sem boca nas unhas.
As mãos se afagam por hábito solitário,
solidário,
compreensivo.

II

Que sombra foi essa
despencada sobre o beijo?
Quando a mão se estendia para a flor,
se arredondava já para o fruto?
Talvez algum astro muito alto
largasse essa luz coalhada,
deixasse esse rastro de sal.
Só nos resta refazer os passos
tentando de novo alcançar os ramos,
as mesmas luzes nos dedos,
os olhos mortos sobre a face aflorada.

III

Precipitada sobre o beijo,
a mesma sombra caiu do céu,
os mesmos venenos confundiram a tarde,
enquanto a dama-da-noite se recolhia, se interrogava,
concentrada já para a orgia e o desperdício.
Despencada sobre a testa e os dedos,
a mesma luz ordenou uma paisagem fixa,
recortou planos de papelão.
Coagularam-se gestos de cera,
o instante também coalhado,
o corpo – carne, gesso,
não mais percorrido de sangue,
não mais fluido, estremecido,
acrescido em substância,
perdido o movimento
– asa das coisas –
quedadas enormes
ao peso de seus nomes imutáveis.
E agora estamos aqui, as mãos pousadas,
espectadores do mesmo sonho repetido,
sem lágrimas já para chorar o amargo.

IV

Que sombra foi essa
derramada sobre o beijo,
enquanto os corpos se eriçavam
e o sangue ia se tornando gota a gota mais escuro e amargo
e a hora se encompridava sobre a nossa face?

Entre os beijos, cresciam algas,
na pele se abriam poros
espreitando sombras,
medindo distâncias e esperas.
Cada toque gerava linhas de força,
o sentir em limalhas aglutinadas,
invisíveis escudos.

Donde vinha essa sombra remota,
essa tristeza na sede dos corpos
ardentes?
Mesmo o sangue se recolheu avaro,
cada vez mais concentrado e denso,
coalhado em gestos de luta.
De onde vinha essa atmosfera rarefeita,
esse distanciamento da palavra amor?

V/CONTO MUITO ANTIGO

E foi desde sempre o mar.
E dentro do mar, um peixe,
e dentro do peixe, uma concha,
e dentro da concha, um anel.

– A coisa mais importante,
você nunca vai saber.
Me deixa quieta no meu canto
escrevendo meus escritinhos.
Debaixo da cama, a poeira
cobrindo gestos, fatos, dores.
A ferida fechou, ficou uma cicatriz bem feia
boa pra lembrar que doeu.

No fundo do mar, um peixe,
dentro do peixe, uma concha,
dentro da concha, o anel,
ouro puro: talismã de todos os prazeres.

REDE FLUVIAL

I/REDE FLUVIAL

Azuis são os caminhos sob a pele
e essa rede de sentimentos
que nos governa,
itinerário presidido
do alto do passado.

Azuis são os caminhos sob a pele
e esse desgoverno sem palavras
– tapeçaria azul do silêncio.

II/INTIMIDADE

Esse teu gesto calado,
navio muito estrangeiro
vindo de mares passados,
ao sol do instante floresce,
as velas desabrochadas,
logo, horizonte fechado,
de novo em brumas se esquece.

Passando a mão pela frente,
esfrego os olhos dormidos
(nos pilares de uma ponte
tremem verdes refletidos,
tremem águas transparentes,
sobre um muro pousam vagas
sombras de flores pendentes).

Ecos de sombras passadas
e de que sonhos dormentes
esse meu gesto suspenso?

III/DESTINO

Minhas mãos mudas e brancas
tecem crepúsculos longos
sobre meus olhos fechados.
Calada, a boca perdida
já não sabe mais cantar
velhas lendas esquecidas.

Barca esquecida de rumo,
arrasto um véu de cansaço
franjado por minhas mágoas.
Barca sem leme, navego
presa às malhas de um destino
tecido por minhas mãos

minhas mãos brancas e cegas.

IV/LINHAGEM

Tive um dia sobrenome
pelo vento desmanchado.
Trazidos do nascimento,
só conservo o rosto e um nome
e o mapa nas mãos riscado.

Trago no olhar desatento
o sobrenome emprestado
daqueles que sem raízes
renascem cada momento
numa família inventada.

V

Não existe mais aquela
com a boca de água fresca,
a cabeleira de noite e algas,
perfume e estrelas pousadas.

Não perguntes mais pela moça
que se dissolveu em sal
enquanto conduzia a lua na mão direita
no aquário da noite alta
e perseguia música inexistente.
Não perguntes, não existe mais aquela.

Deixa-lhe o silêncio por mortalha.

VI

Estrangeira na fímbria do bosque,
passante de rosto líquido entre pinheiros.
Pisas o chão com teus pés de não pisar,
chegas à frente dos portões sem chegar,
cruzas umbrais sem cruzá-los.
Estrangeira na fímbria do bosque,
ninfa transparente e não pertencente a nada.
Observas do alto da colina
os casais que plantam juntos seus jardins.
E sem ser vista, viras as costas a passos lentos
e desces a encosta pensativa.

VII

Entre mim e mim houve espaço
para os peixes puxarem seus véus de silêncio
em águas claras,
em águas turvas,
em gestos lentos,
em gestos súbitos.

Entre mim e mim houve espaço
para as aranhas tecerem teias geométricas
e trêmulas.

Houve tempo para a vida
desenrolar seu desenho:
espiral de música,
voo e sofrimento gratuitos.

VIII

Entrava com passo leve
numa cidade de prata.
Quem foi que escutou meus passos?
Eu ia de olhos fechados
com sombras pelos dois lados.

O morcego abria o leque
silente de suas asas
– folha de chá nágua quente.
Lua fina, transparente
pelo rendado dos galhos.

Conversávamos co' as árvores
de braços longos
e longas barbas.
Entre os vultos dos morcegos,
as sombras de gaze negra
e o passo leve dos gatos.

Quem gritou de olhos fechados
por entre muros caiados
e lençóis de linho branco?
Enquanto eu me balançava
na fronteira de dois mundos
com águas pelos dois lados.

Eu ia sendo arrastada
no leito escuro do sono,
na floresta do abandono
entre as margens acordadas,
as mãos já tocando o fundo,
os ouvidos inda à tona
ouvindo vozes e carros.

Sobre o muro branco,
cacho de glicínia
derramado.

Asa de morcego
(ou foi borboleta?)
pulo de gato.
Bordado na fronha,
retalhos de sonho
já deslembrado.

Onde andaram meus sapatos
enquanto eu me equilibrava
por entre jorros de sombra,
pelas ruínas do espanto,
com muros de linho branco
oscilando dos dois lados

nessa cidade de prata?

IX

Vai a Lua pela noite,
vem o Sol de madrugada,
os planetas vão perdidos
por órbitas já cansadas,
antigos caminhos esses,
pela mão de quem, traçados?

Dentro de cada destino
as esperas repetidas
pelas metas adiadas.
Homem, mulher e menino,
ilhas no mesmo arquipélago,
estranhos na mesma estrada.
Os planetas vão perdidos
em rotas desencontradas.

De vez em quando, um eclipse
traz a ilusão de um encontro
pelas sombras projetadas,
mas logo as sombras se apartam
e mesmo esse encontro falha.
Dentro de casa, esperanças
e fracassos mastigados,
as almas presas nos corpos
ficam sempre separadas.

Marte é sangue pela noite,
Vênus desponta lavada,
às vezes só pela morte,
os gestos se desençam
e um beijo acha seu caminho
entre caminhos truncados.
Abertos portões antigos,
abertos olhos calados,
quando a névoa se dissipa,
vemos a inútil paisagem
e na lembrança de um rosto
só agora se decifra
a conhecida mensagem,
recebida há tanto tempo,
guardada em nós para sempre
depois de desperdiçada.

Vai Diana pela noite,
longínqua, desapegada,
deusa dos partos aflitos,
das mulheres menstruadas,
caçadora, vingadora,
pálida, nua, calada.

X/VIOLA

Insônia, enchente, afogada,
rastreado madrugadas,
escuto a canção chegar.

Sofro a canção como a Lua
sofre a luz, que não é sua,
mas não deixa de brilhar.

XI/DESAPEGO

Não é sonho nem tormento
a razão do meu cantar
– nem riso nem sofrimento.

Carne de lírio ao luar,
eu largo um perfume isento
– nem pedido nem lamento.
Apenas canto e me encanta
ouvir a voz sem razão
sendo a canção sem motivo
tornando o nada, canção.

XII

Para Carlos Drummond de Andrade

Queria compor um poema
que, irmão do fogo e do vinho,
tivesse leveza de pluma
dizendo ternura de ninho;
que sendo arraigado nas veias,
contasse cegueiras de bruma,
captasse um mistério de sonho
em pedra caída da Lua.

E que gravitasse no espaço
onde se compõem geometrias.
Mas que fosse antes de tudo

exato e despojado como um número.

XIII/BAILARINO DO ESPAÇO

Para Marcelo, músico

Com luas nos tornozelos,
tua dança se fazia
em passos precisos, pela
mão da mais louca alegria.

Trazias rosas na fronte
e teu cantar se fazia
numa voz clara de fonte
brotada em terra sombria.

Trazias vento nos dedos
e teus gestos se faziam
como o mover das estrelas
em preciosa harmonia.

Trazias aves no peito
e seu voo se fazia
no compasso mais perfeito
em gaiola de vazios.

Trazias brumas nos olhos
e no teu olhar se via
quando, escravo de memórias,
nelas mesmas te evadias.

Dança, canto, voo, gesto,
cada coisa se fazia
com alma e corpo despertos
dentro de espaços abertos
de invisíveis geometrias.

XIV

Tenho saudades do que nunca fiz,
de um outro eu que não cheguei a ser,
do que podia pensar que faria
no dia seguinte, ao amanhecer.

Quando o sonho se achava ao meu dispor,
amanhã era o tempo de viver.
No espaço que há entre o pensar e o agir,
nesse espaço, desenvolvi meu ser.

Onde estão os futuros que sonhei?
Fui horizontes, como toda gente.
Saudades – de viagens? Da janela
aberta sobre o mar, à minha frente.

XV

Sou sempre o fio d'água que escorrendo,
escoa sem sentido devagar,
sou sempre a mesma vida se perdendo
em não ser – sempre o ser a me escapar.

Saudades de algum ontem que não foi,
projetando no amanhã o seu querer,
sempre esse sol já no horizonte posto
antes que o dia chegue a amanhecer.

Sou sempre antes da vida, a morte vinda,
o gosto da chegada de um prazer,
já antes de provado, coisa finda,
aborto de si mesmo antes de ser.

SUMÁRIO

INDICAÇÕES BIOBIBLIOGRÁFICAS SOBRE A AUTORA	6
---	---

REDE FLUVIAL

ELEGIA	11
I, 13; II, 15; III, 16; IV, 18.	
POEMAS DO ESTRANHAMENTO	21
I, 23; II/Herança, 24; III/Antecâmara, 26; IV, 27; V, 28; VI/Presença, 29; VII/Tempo morto, 30; VIII, 31; IX, 32; X/Noturno, 33; XI/Itinerário, 35; XII, 37; XIII/Culpa, 38; XIV, 39; XV, 40.	
PERFIS	41
I/Interlúdio, 43; II/O menino, 44; III/O poeta, 45; IV/O analista, 46; V, 47; VI, 48; VII, 49; VIII/Contraponto, 50.	
COTIDIANO	51
I, 53; II, 54; III, 55; IV/Galeria dos empregados do comércio, 56; V/Centro de microscopia eletrônica, 57; VI/Ecológico, 58.	
CANTIGAS DO AMOR AVARO	59
I, 61; II, 62; III, 63; IV, 64; V/Conto muito antigo, 65.	
REDE FLUVIAL	67
I. Rede Fluvial, 69; II/Intimidade, 70; III/Destino, 71; IV/Linhagem, 72; V, 73; VI, 74; VII, 75; VIII, 76; IX, 78; X/Viola, 80; XI/Desapego, 81; XII, 82; XIII/Bailarino do espaço, 83; XIV, 85; XV, 86.	

Este livro
Foi composto nas oficinas de
LINOLIVRO S/C COMPOSIÇÕES GRÁFICAS LTDA.
Rua Correia Vasques, 25, Loja – Rio de Janeiro, RJ
e impresso nas oficinas da
MUSEOGRÁFICA
Rua Aristides Lobo, 106 – Rio de Janeiro, RJ
para a
LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA S.A.
em outubro de 1983

CÓD. JO: 02237

RJ: Rua Marquês de Olinda, 12, RIO DE JANEIRO
SP: Rua dos Gusmões, 100, SÃO PAULO
MG: Rua Carijós, 244 – Edifício Walmap, BELO HORIZONTE

“AZUIS SÃO OS CAMINHOS
SOB A PELE”

STELLA LEONARDOS

Uma orelha para Lucia
 teria de ser tão lúcida
quanto seu fundo poemar
 – um mar em si, desde sempre.

E auscultando o mar de Lucia
 seguir o rastro do lúcio
por entre véus de silêncio,
 que pelo mar vaga um peixe
com seu mistério por dentro.

Onde o tempo tece as ondas
 nos ouvidos tempos lúdicos
captar nos versos em concha
 aurículas duplamente:
as de escuta e as de latejo
 – umas de espumas e ventos,
as outras de imersos reinos
 sangrando de azuis nos veios.

Mas orelha pra que, Lucia?
 Teu poemar prescinde lupa.
Não desentranhas da sombra
 de madrepérola e sono
o anel mago, aro de sonho,
 e elegia, e cotidiano,
e estranheza nesse oceano
 vivenciado que nos doas?

A CRÍTICA
SOBRE A POESIA DE LUCIA FONSECA

Não preciso dizer-lhe do muito que me agrada a sua poesia, pois há tanto tempo já que a identifiquei como das mais providas de sensibilidade de observação e descrição das coisas.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

É claro que, de cada cem poetas que se lançam impressos em livro, um só se apresenta logo no seu nível. Seu senhorio da palavra, do ritmo, do *cantabile* e de sonoridades outras é indiscutível.

ANTONIO HOUAISS

Há momentos em que sua poesia é descritiva e suave como quem conta um sonho. Um belo livro, o de Lucia Fonseca.

TORRIERI GUIMARÃES

A sua poesia tem inspiração profunda, comunga com a natureza, os seres e as coisas, transmite-nos as conquistas de uma visão original e as invenções de uma imaginação criadora, sabe ser original sem esforço.

PAULO RÓNAI

*

Leia também
estes outros importantes livros de poesia
da
LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

CANTO DE RUA
Léo Ferreira de Paula
Marco Morel / Helder Macrino de Paula
Maria Cecília Stein Vieira / Carlos Alberto de Mello
Elisa Maria Sobral / Denise de Passo

CANTO POR ENQUANTO
Audálio Alves

ANTOLOGIA EM VERSO E PROSA
Mauro Mota